

Como sonham as Lucías, hoje?

JOSÉ WALTER NUNES

UnB, Universidade de Brasília

Agradeço o convite para estar nesta mesa, debatendo o texto da Profa. Brígida, para mim um privilégio, dada a importância de seus estudos e por ser ela uma pessoa especial e muito querida para nosso grupo de pesquisa aqui na UnB.

Começaria colocando que seu trabalho, Brígida, levou-me a uma reflexão sobre minha prática de historiador e documentarista. Por quê? Porque em minhas pesquisas, embora nunca tenha feito um recorte de gênero, a temática e a presença da mulher são constantes. Posso dizer que em algumas investigações e filmes documentários que venho realizando, elas são dominantes, protagonistas principais das dramaturgias e enredos construídos a partir de suas experiências e memórias, enfim, de suas trajetórias de vida. Tanto o livro que publiquei, quanto os documentários que realizei com a temática das pessoas comuns, anônimas da história de Brasília, revelam essa presença feminina. (Nunes: 1999, 2005). Atualmente, estou envolvido num estudo com grupo étnico de origem germânica e, novamente, as mulheres são maioria. Nessas duas pesquisas, elas desempenharam e desempenham importantes papéis sociais nas suas comunidades, realizam trabalhos no âmbito familiar e fora dele, amam e desamam, sofrem perdas afetivas e materiais, passam por constrangimentos étnicos, de classe, de gênero, entre outros, mas seguem ampliando seu poder, conquistando mais e mais autonomia, fazendo intermediações, pontes políticas do seu meio cultural com outros mundos, conquistando direitos sociais e políticos, ou seja, alargando a idéia e a prática de cidadania na sociedade brasileira. Muitas delas conseguem retornos que não são apenas para si, enquanto mulheres, pois seus efeitos se estendem ao gênero masculino, aos seus filhos e a outros grupos sociais.

Bem, o que muda em mim, ao conviver instantes com elas, escutando suas narrativas, transformando-as em textos escritos e filmicos? Muita coisa, mas uma é fundamental: meu olhar incorpora a força delicada que emana dessas mulheres, modificando minha maneira de ver o mundo, de tratar e

retratar as questões sociais, políticas e culturais que elas expressam. Lembrome do relato de uma delas, de quando liderava uma manifestação em que, ao lado de crianças, reivindicavam o direito à moradia. Essa personagem é agarrada pelos policiais e estes, encontrando dificuldades para amordaçá-la e arremessá-la para dentro do carro policial – dada sua resistência emocional e física – despem-na na rua, constringendo-a publicamente, para forçar sua entrada no veículo e torná-la prisioneira.

Ao editar o documentário, mais uma vez, coloquei-me no seu lugar e, compartilhando de sua dor e indignação, ao reconstruir o episódio não editei detalhes sórdidos e humilhantes, apenas sugeri o que teria acontecido, protegendo essa formidável mulher contra novos sofrimentos e constrangimentos, pelo menos no filme!

Então, digo, essas mulheres me transmitem uma sensibilidade que influencia meu modo de filmar e editar, educando-me para não tornar mais brutal a brutalidade de certos aspectos vividos e narrados por elas. Por outro lado, devo sublinhar que, de maneira ambígua, nesse mundo feminino, a barbárie convive com a alegria, o sonho, o amor, a coragem e a esperança, elementos que retrato e enfatizo nas minhas interpretações fílmicas e escritas, uma vez que eles motivam e fortalecem o desejo de ruptura e superação da crueldade, abrindo espaço para a conquista de autonomia pessoal e coletiva dessas mulheres.

Isto posto, Brígida, gostaria de observar que os autores com os quais você dialoga, para interpretar o filme *Lucía*, utilizam categorias e conceitos tais como: colonialismo, neocolonialismo, identidade nacional, cultura nacional, revolução, pós-revolução. Para entender o porquê do uso dessas referências conceituais abrangentes, recorri a Marc Ferro, historiador-cineasta, quando ele sustenta que a análise de um filme deve ir além do mesmo, perspectiva esta muito conhecida para quem lida com essa relação história e cinema. Assim, segundo Ferro, entre outros, é preciso conhecer e analisar o contexto do filme, a sociedade de onde ele emerge, quem o financiou, seus bastidores, pois as escolhas do tema, do período histórico, da caracterização dos personagens, entre outros, dizem respeito ao presente vivido por quem, ou melhor, pelas pessoas que realizam o filme, ou seja, que interpretam o passado, recriam-no e o representam na tela do cinema. E isto você, Brígida, pontua, claramente, no seu texto.

Gostaria de agregar outros aspectos ao contexto social e político-cultural em que o filme foi realizado. Ora, em 1968, quando do lançamento

de *Lucía*, Cuba, nove anos após a Revolução, seguia lutando, arduamente, como luta até hoje, para garantir sua autonomia política, combatida pela vizinha e poderosa nação norte-americana que, anos antes, tentou destruí-la, por meio militar. Isto provocou a chamada crise dos mísseis, momento em que a então URSS, em defesa de Cuba, instala tais dispositivos bélicos em território cubano e aponta-os em direção a Miami. Tal episódio se insere no contexto internacional da chamada guerra fria, das rebeliões estudantis na Europa e nas Américas, dos movimentos revolucionários, alguns via guerra de guerrilha na América Latina, sendo Cuba, um espelho; o movimento hippie, o movimento feminista, entre outros.

Assim, era importante, internamente, construir e reconstruir valores culturais que pudessem conformar uma *identidade de nação*, algo inteiriço, homogêneo, sem ou com pouca diferenciação. Isto era uma tarefa política imediata, frente às ameaças externas de destruição da nova ordem social criada com a revolução. O filme *Lucía*, então, vai se colocar como um instrumento, um espaço de reconstrução identitária, por isso, ele pode ser datado, pode ser encarado como um documento, um monumento, conforme Le Goff (2003). Por isso também, dele emergirão diferentes narrativas. De modo análogo e resguardadas as diferenças, os filmes *O Encouraçado Potemkin* (URSS, 1925), de Sergei Eisenstein e *Tucker, um homem e seu sonho* (USA, 1988), de Francis Ford Coppola, também cumprem esse papel, pois ambos reforçam ideais de suas nações.

Sem dúvida, Brígida, pude apreender no seu texto que a narrativa fílmica de Solás traz, sobretudo, a experiência pessoal dele, compartilhada, naquele momento, com outros intérpretes da trajetória histórica daquele país. Todos eles buscaram, na memória e na história, a construção de outras narrativas, de outros sonhos, com outros personagens, até então ignorados, que vão revelar que podem e puderam interromper o curso de uma perspectiva de história linear - onde só há lugar para os grupos dominantes - e construir *outra*. (Benjamin: 1987). Bem, neste caso de Cuba, onde a então chamada classe burguesa - sempre vencedora nas disputas com outras classes e grupos - perdeu e foi extinta pelo programa socialista, coloco a seguinte questão para debate: quais as implicações que essa outra história nos coloca, agora contada por outros vencedores, como a narrativa fílmica aqui em questão, uma vez que ela é uma forma de memória e de história?

Prossigo insistindo na inquietante interpretação fílmica que você fez, Brígida. Se o filme coloca vários temas considerados clássicos como colonização e neocolonização, identidade nacional, entre outros, são em seus aparentes subtemas, que você destaca para análise, que se encontram a força e a beleza da narrativa fílmica de Solás. Cito alguns. Começo por aqueles colocados no episódio que retrata a década de 1930, período ditatorial. Sempre lidando com a ambigüidade, seu texto evidencia que o batom serve não apenas como produto de beleza feminina, mas como instrumento de comunicação, protesto e luta pela personagem Lucía, que o utiliza no espelho do banheiro da fábrica, onde trabalhava; a morte do personagem Aldo, seu companheiro de luta política e sua grande paixão, deixa-a desolada pela perda. Porém, o plano fílmico final revela uma Lucía grávida, sinalizando vida, renascimento, continuidade da luta, fim do luto. E quem tem esse poder, de fazer (re) nascer das ruínas, é a mulher.

Em outro episódio – cujo cenário histórico é o período colonial – a expressão de horror e medo estampada no rosto de Lucía, em primeiro plano fílmico, ao escutar o relato sobre a violação das freiras pelos soldados a mando da Espanha, contrastam com sua coragem e destemor, ao enfrentar e combater, ao seu modo, tal brutalidade, conforme vai expressar-se nas cenas de guerra e amorosas. Medo e coragem acompanham suas ações.

A Lucía do período pós-revolução não aceita as regras masculinas de convivência impostas pelo marido: delas e dele se desvencilha, aprende a ler e escrever, não como algo formal, e sim como ato de consciência social e política. No final desse episódio, mesmo rompida com o ex-marido, com ele dialoga, contestando-o, é claro, mas dialoga, denotando firmeza e flexibilidade, determinação político-ideológica, porém, abertura para o debate, para o devir histórico, para o embate sobre as relações passadas e presentes e a construção do tempo de agora (Benjamin: 1987).

Desse modo, Brígida, vi e apreendi, na sua análise fílmica, que a mulher Lucía, metáfora da nação cubana, carrega consigo temas como amor, desamor, coragem, medo, beleza, vida, morte, luto, educação, alfabetização, gravidez, firmeza, flexibilidade, alegria, tristeza, choro e riso. Todos eles, inscritos no campo da emoção e da sensibilidade, articulam-se com a história política e cultural de Cuba. A partir desta compreensão, coloco aqui outra questão para debate: tais temas, mesclados às questões maiores e mais visíveis do filme – como identidade nacional, colonização, revolução – estariam

COMO SONHAM AS LUCÍAS, HOJE?

apontando que, para combater a barbárie, as mulheres são imprescindíveis, pois nelas estaria o processo civilizatório?

Enfim, seu texto, Brígida, e o filme, dão visibilidade a algo até então quase invisível, a mulher. Daí, para encerrar meus comentários, faço mais duas indagações: Lucía seria somente uma personagem cubana, localizada naquele tempo e lugar, ou seus traços identitários seriam universais? Quais os sonhos, hoje, da(s) Lucía(s)?

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento em *História e Memória*. 5ª ed. Tradução de Bernardo Leitão, Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NUNES, José Walter. *Patrimônios Subterrâneos em Brasília*. São Paulo: Annablume, 2005.

NUNES, José Walter. *Batalhas pelo Patrimônio, Batalhas pela História*. Documentário. Brasília, 1999.